

## A história contada pelos periódicos: O Panorama e a história de Portugal

MICHELLE FERNANDA TASCA<sup>1</sup>

Durante o século XIX, a história dos séculos mais remotos de Portugal foi contada muito mais por jornais e revistas do que por livros eruditos e acadêmicos. Com os interesses geralmente voltados para o estabelecimento do reino independente, focando os primeiros reis e rainhas da Idade Média lusitana, essa história cumpriu um importante papel no imaginário social. Popularizada nas páginas de periódicos voltados à difusão do conhecimento intelectual e da cultura, essa história cumpriu um importante papel no imaginário social ao atingir círculos não necessariamente ligados às universidades ou comunidades eruditas.

O jornal *O Panorama* foi um dos precursores desse tipo de periódico. Fundado por uma associação de homens de letras que tinha por fim a difusão de “conhecimentos úteis”, foi também um dos expoentes do romantismo português. O periódico tornou-se responsável pela disseminação desse novo ideal, e junto com ele, de temas históricos, a partir da divulgação de um novo gênero literário: o romance histórico. Ou seja, *O Panorama* atuou em duas importantes frentes: por um lado, difundiu esse novo romance que tratava a temática histórica na forma de um texto literário, o que se configurava como uma grande novidade dentro das especificidades daquele século. E de outro, na abordagem de temas históricos, ou seja, em suas páginas foram contados desde os eventos primevos da história de Portugal, como as disputas entre Afonso Henriques, considerado o primeiro rei português, e sua mãe D. Teresa, até as guerras contra os mouros e contra os reinos de Leão e Castela e muitos outros episódios semelhantes que foram revalorizados pela historiografia oitocentista. Ao lado disso, constavam ainda textos que pensaram a própria escrita da história, dialogando com historiadores anteriores e estabelecendo um cânone a ser seguido por quem se intentasse em pensar a história da nação.

Enfim, antes mesmo de se estabelecer em livros, a história como disciplina, isto é, ciência de estudos assumiu suas formas e ares característicos nos estudos e reflexões que

---

<sup>1</sup> Doutoranda pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pesquisa financiada pela CAPES.

foram publicados primeiramente, e muitas vezes ainda em caráter experimental, nos jornais e revistas. Esses veículos de informação, que se tornavam cada vez mais corriqueiros e que tanta importância adquiria no âmbito social, político e cultural naquele momento, permitia opções mais abertas e tentativas intelectuais mais livres de trabalhos que, uma vez aprofundados e estabelecidos, se tornaram então obras fundamentais no pensamento português.

Para compreendermos a importância de *O Panorama* no contexto das publicações impressas portuguesas, é necessário entender um pouco de suas origens. O jornal foi criado em Lisboa em 1837 e foi composto por cinco séries de publicações, encerrando sua jornada no ano de 1866.<sup>2</sup> Contou ao longo desse período com a participação de uma série de intelectuais ligados ao projeto romântico que se desenvolvia e imprimia suas características e ideais nas páginas impressas.

Seu título completo *O Panorama – Jornal Litterario e Instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis* já indica a sua procedência. Ou seja, o jornal era o veículo criado por essa sociedade de intelectuais lisboenses preocupada com a difusão de conhecimentos que consideravam “úteis”. Mas no que isso implicava? O que era “útil” para esses homens? Veremos à seguir.

A década de 1820 trouxe consigo as guerras civis que assolaram Portugal em defesa de um liberalismo político. Em 1828, D. Miguel foi declarado legítimo rei de Portugal, assumindo a regência, restaurando a monarquia absoluta e anulando todas as decisões decretadas por D. Pedro, então Imperador do Brasil, inclusive a Carta Constitucional outorgada em 1826, após a morte de D. João VI. A Guerra Civil Portuguesa (1828-1834) que trazia à tona as disputas entre liberais e absolutistas foi muito importante para o contexto de fundação do jornal na década seguinte.

Muitos homens de letras participaram dessas batalhas, destacando-se principalmente do lado liberal. Podemos citar nomes tais como: Alexandre Herculano e

---

<sup>2</sup> A primeira série de *O Panorama* data de maio de 1837 a dezembro de 1841 (5 volumes), a segunda de janeiro de 1842 a dezembro de 1844 (3 volumes), a terceira de setembro de 1846 a 1856 (5 volumes), a quarta teve início em janeiro de 1857 e a quinta e última datada de 1866.

Almeida Garret. Quando foram exilados em países como Inglaterra e França, retornaram com uma noção mais apurada dos novos caminhos tomados para a difusão do conhecimento e a expansão das letras para outras camadas sociais que não apenas as mais altas. Nutriam a idéia de que a instrução da população era necessária para o bom desenvolvimento da nação: “Esta nobre empresa será por certo louvada e protegida por todos aquelles, que amam deveras a civilização de sua pátria” (*O Panorama*, 1837:2).

Com esse pensamento, esses homens investiram na publicação do jornal dotando-o de uma aura cultural, na qual valorizavam temas diversos e de aplicação prática, ao lado de temas históricos e literários. A ideologia propagada pelo *Panorama* vinha na esteira dos objetivos da instituição a que se via vinculado, ou seja, a Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis<sup>3</sup>, preocupada com a disseminação de uma instrução variada que se tornasse acessível a diversas classes sociais aos moldes do que era feito nos países europeus considerados mais “ilustrados”. Como vemos salientado na Introdução de abertura do primeiro volume do jornal:

*Assim a Sociedade Propagadora dos conhecimentos uteis julgou dever seguir o exemplo dos países mais illustrados, fazendo publicar um jornal que derramasse uma instrucção variada, e que podesse aproveitar a todas as classes de cidadãos, accomodando-o ao estado de atrazo, em que ainda nos achamos. Esta nobre empresa será por certo louvada e protegida por todos aquelles, que amam deveras a civilização de sua pátria (O Panorama, 1837: 2).*

O jornal primava, portanto, pela divulgação do conhecimento relacionado a uma série de assuntos centrais, dos quais podemos citar: as ciências naturais, história, geografia, topografia, monumentos, economia e literatura, juntamente com artigos mais curtos e de fruição mais acessível, temática variada e visando o simples deleite do leitor.

---

<sup>3</sup> A Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis foi uma associação criada no mesmo ano do jornal *O Panorama*, ou seja, em 1837, sob a proteção da rainha D. Maria II, cujo nome constaria inclusive na lista dos acionistas da Sociedade. Conforme o próprio nome diz, seu objetivo era “derramar conhecimentos profícuos e variados” de acordo com seus ideais patrióticos, para fazer frente ao atraso intelectual de Portugal em relação aos demais países europeus. Ver: (*O Panorama*, 1837).

Sobre essa questão temática, Fernando Catroga apresentou dados interessantes sobre a natureza dos artigos:

*... entre 1837 e 1844, os ensaios e as narrações de carácter histórico recobriram cerca de 17%, numero bastante significativo, pois ultrapassava, em muito, os outros assuntos mais tratados: geografia, 7,6%; moral, 6,8% (...) Por outro lado, importa ainda registrar a importância que um gênero literário, novo entre nós, ganhou nas suas páginas: o romance histórico, que representava 1,2% da temática total, percentagem superior à da poesia (0,69%) e à dos artigos sobre ciências jurídicas (0,5%), matemática (0,16%) e química (0,52%) (CATROGA, 1998: 49).*

Ou seja, conhecimentos úteis no entender desse jornal e da sociedade de intelectuais que o coordenava se referia a tudo o que pudesse auxiliar na instrução da população, aliado também à temas de uso prático e diário.

## **A história no *Panorama***

Não obstante o carácter variado da publicação, os temas históricos passaram a ser cada vez mais valorizados, como percebemos pela manifestação da Sociedade nas páginas de abertura do ano de 1840: “No quadro da redação terão a preferência os artigos sobre pontos da história, corographia, e antiguidades nacionaes, intercalando-os com as noticias e informações que se reputarem úteis, novas, e interessantes” (*O Panorama*, 1840: 2).

No ano de anterior, o jornal já tinha manifestado seu projeto de transcrever e publicar documentos manuscritos encerrados na “Biblioteca desta Corte” através de um requerimento mandado ao Governo:

*Por este meio conseguiremos trazer á luz muitos esquecidos monumentos do saber portuguez, e que o são também da glória do nosso paiz. Publicados em edições nítidas, e commodas no formato e no preço, se facilitará ao povo o conhecimento dos auctores cçassicos, e aos eruditos a aquisição de muitos escriptos raros.*

*Assim se ditatará a esphera de utilidade desta Associação (O Panorama, 1839).*

Evidencia-se, então, uma dupla função d'O Panorama: difundir o conhecimento à população geral e também sanar os interesses de estudiosos eruditos em relação a documentos raros e de acesso restrito. O projeto de publicação de documentos inéditos foi, enfim, cumprido em 1841 com a série *Archeologia Portuguesa* escrita por Alexandre Herculano que supriu essa necessidade ao transcrever e publicar fontes inéditas e desconhecidas para um público não especialista nos estudos históricos. Nesse texto, o trabalho do historiador é comparado ao do arqueólogo – o desenterrar das crônicas, diplomas e demais monumentos que se achavam soterrados em seus antigos repositórios, e trazê-los à luz para o público.

*Um jornal popular é por todas as razões o repositorio mais acomodado para enthesourar essas riquezas históricas. Um livro requer grande copia de materiaes nas mãos do obreiro que commette essa obra, requer certa disposição e methodo para o qual poetas nem sempre são mui próprios, por isso raros poderiam fazer sobre isso um livro com intuito artístico, que ao mesmo tempo fosse uma boa obra archeologica. Por outra parte o commum dos leitores – os mesmos que hão de ler o poema ou o romance, e assistir á representação do drama, se habituarão ao trato e freqüência dos costumes e idéas que essas composições resuscitam: as crenças, as opiniões, a vida material dos tempos passados deixarão pouco e pouco de ser para elles como estranhas, e as obras d'arte seram intelligiveis e populares, o que aliás difficultosamente aconteceria (O Panorama, 1841:309).*

Outra série de destaque é iniciada já no primeiro ano do jornal<sup>4</sup>, e segue por um caminho distinto, mas de igual importância. Sob o título de *Quadros de História Portuguesa* apresentava episódios históricos de temas diversos, não através de descrições documentais, e sim de narrativas circunstanciadas. Essa sequência de artigos nos remete diretamente à uma obra de título muito semelhante escrita por Antonio Feliciano de Castilho: *Quadros Históricos*

---

<sup>4</sup> A série não consta no índice dos anos de 1837, mas existiu de forma não sistemática. No ano seguinte, ela segue numerada.

de Portugal (*O Panorama*, 1838: 263), que seguia um projeto semelhante de divulgação e análise da história, e que foi mencionada mais de uma vez no *Panorama*.

Em um levantamento de artigos com temas históricos publicados no *Panorama* em sua primeira série (entre 1837 e 1841) podemos citar alguns que representam bem o interesse do jornal pela história e quais foram os temas mais privilegiados. Dentre os mais significativos encontramos, por exemplo: Quadros da História Portuguesa, Primeiros Reis Portugueses. Côrtes portuguesas, (antigas) de quem se compunham, e suas atribuições, Historia Natural: utilidade do seu estudo, Judeus em Portugal – seu valimento e perseguições que sofreram, Semanário Histórico – aparece em quase todos os números desse ano (trata-se de uma espécie de cronologia dos fatos históricos ocorridos na data da publicação do jornal).

Além desses artigos que tratavam diretamente sobre a história, o romance histórico foi um gênero de amplo desenvolvimento no *Panorama*. Grande marca do romantismo literário, essas narrativas eram publicadas primeiramente sob a forma de folhetins e depois de sua apreciação pelo público transformavam-se em romances propriamente ditos. Inúmeros foram os textos e os autores que desenvolveram esses trabalhos no jornal, mas a grande característica que os unia era a utilização de temas históricos e as bases documentais para dar vida aos seus personagens e narrativas. Esses romances foram um dos grandes responsáveis pela popularização da história portuguesa e pela criação do que consideramos hoje como a consciência histórica que marca o século XIX.

Boa parte dessas características do *Panorama* deveu-se não apenas aos ideais da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, mas, sobretudo, aos homens que estiveram na direção do jornal ao longo do início de sua existência. Nos primeiros e decisivos anos – entre 1837 e 1839, o *Panorama* teve o historiador e literato Alexandre Herculano (1810-1877) no cargo de redator chefe (BITTENCOURT, 1910: 35). Nesse momento, podemos considerar que o projeto histórico do jornal e do autor da grande *História de Portugal* se mesclam sobremaneira, seja pela introdução do romance histórico nas páginas do jornal, seja pelos constantes textos e análises historiográficas que Herculano publicava incessantemente. Importante notar, que o cargo de redator chefe lhe permitia essas liberdades, pois ficava ao seu critério decidir quais textos seriam publicados e principalmente lhe dava a liberdade de divulgar seus próprios escritos.

Após Alexandre Herculano, a chefia do jornal foi assumida por outro importante nome do romantismo português: Antonio Feliciano de Castilho (1800-1875). Respeitável intelectual lisbonense, não rompeu com a linha histórica do jornal, que é mantido basicamente com mesmo formato e com a mesma proposta de publicação. Esse autor, que já colaborava com o periódico desde sua fundação, mantém inclusive a publicação periódica dos artigos escritos por Herculano mesmo após sua saída do cargo.

Tudo isso nos leva a refletir: Qual o projeto de História desenvolvido no Panorama? Em poucas palavras, O Panorama tentava criar uma consciência de nacionalidade histórica. Nesse sentido, a história que se desenvolvia em suas páginas sustentava uma Idade Média proeminente, digna de ser lembrada tanto na literatura quanto na história em si. Mas não retratava apenas o período medieval e nem apenas a história portuguesa, muitas outras épocas e nações foram também contempladas, apenas com não tanta veemência.

Dessa forma, o projeto historiográfico do Panorama estava envolvido por dois grandes tópicos: a nacionalidade e a instrução. Dois temas diretamente ligados, ou seja, a instrução da população era vista como requisito absolutamente necessário para a criação do sentimento de nacionalidade.

*Por outra parte o commum dos leitores – os mesmos que hão de ler o poema ou o romance, e assistir á representação do drama, se habituarão ao trato e freqüência dos costumes e idéas que essas composições suscitam: as crenças, as opiniões, a vida material dos tempos passados deixarão pouco e pouco de ser para elles como estrabas, e as obras d’arte seram intelligiveis e populares, o que aliás difficultosamente aconteceria (O Panorama, 1841:309).*

Enfim, o conhecimento da história e da literatura de um país, muitas vezes distante da transmissão oral, era importante para a formação do imaginário nacional e da configuração do cidadão com consciência histórica.

## **Bibliografia**

*O Panorama*, 6 de maio de 1837, n.1.

*O Panorama*, 18 de agosto de 1838, n. 68.

*O Panorama*, 5 de janeiro de 1839, n.88.

*O Panorama*, 4 de janeiro de 1840, n. 140.

*O Panorama*, 25 de setembro de 1841, n. 230.

BITTENCOURT, Liberato. *Psychologia de Alexandre Herculano*, Imprensa Rio de Janeiro; Paris: F. Alves: Aillaud e Bertrand, [1910?].

CATROGA, Fernando. “Alexandre Herculano e o Historicismo Romântico”. In TORGAL, MENDES, CATROGA. *História da História em Portugal (Sécs. XIX-XX)*. Lisboa: Temas e Debates, 1998. pp. 45-98.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

LIMA SANT'ANNA, Benedita de Cássia. “*O PANORAMA* (1837-1868): História de um jornal”, UNESP – FCLAs – CEDAP, v.4, n.2, p. 244-262, - jun. 2009.